

## Maria e a Eucaristia

Homilia do Padre José Kentenich, em 7 de junho de 1964

O Evangelho de hoje nos dá uma boa oportunidade para continuar e finalizar o tema que iniciamos no último domingo. Provavelmente, ainda lembramos o que falamos em relação a realeza de Maria!

Em primeiro lugar, estava a pergunta: como imaginamos Nossa Senhora? Não como a retratamos agora no céu, mas podemos imaginar como ela viveu e atuou enquanto estava aqui na terra. Lembremo-nos da resposta: Ela era extremamente simples, pés-no-chão, objetiva, atenta e leal a seu dever até o extremo. Tudo isso, com uma fé profunda. Hoje podemos dizer: este é simplesmente o ideal do trabalho simples do santo da vida diária.

Abordamos também a segunda questão. De quais fontes ela bebeu para realizar tal ideal de uma maneira tão simples? Nós pudemos dar apenas uma resposta geral, sem aprofundamento. Foi a seguinte: ela alcançou tudo isso porque em seu coração havia um grande amor, um amor pelo Salvador histórico até sua ascensão, bem como um extremo e cálido amor pelo Salvador Eucarístico, depois de sua ascensão.

Nós compreendemos e salientamos o seu amor a Jesus Eucarístico. Sabemos que o Concílio quer nos levar a colocar o altar e, deste modo, nosso Salvador Eucarístico, mais no primeiro plano de nossas vidas. Deveríamos nos centrar no altar tanto quanto possível, como Maria, depois da ascensão do Redentor.

Se agora meditarmos no Evangelho de hoje, vamos pensar que ele se encaixa na série de pensamentos na qual estamos interessados. O que o Evangelho diz? Ele aponta para Jesus. Podemos dizer: para Jesus histórico. Acabamos de ouvir, quando o Evangelho de Lucas foi lido. Sabemos que Lucas nunca se cansa de cantar um único e grande hino de louvor à misericórdia do Deus Todo-Poderoso, ao Seu amor misericordioso. Isto é, ao amor que recebemos sem merecer.

O símbolo deste amor são as parábolas do Bom Pastor e da dracma. O amor misericordioso é revelado de maneira especial para o pobre, o perdido. Repito: o símbolo deste amor é a dracma perdida, o cordeiro perdido, a ovelha perdida.

Vamos, logo no início desta homilia, parar e recordar que usamos o exemplo de uma criancinha que queria segurar o oceano em sua mão. Naturalmente, vamos sacudir a cabeça e dizer: Isso é uma piada, é impossível! É claro que é impossível. Podemos dizer que é ainda mais impossível para nossas mentes humanas querer compreender ou penetrar no Deus infinito, na medida em que com Deus tudo é infinito, cada atributo individual.

Grande é a onipotência de Deus. Deus chamou o mundo à existência como prova de Sua onipotência. Grande é a sabedoria de Deus. Como ele governa o mundo? Nós poderíamos listar atributo após atributo deste modo. Não é só Lucas que nos diz, o Evangelho inteiro está repleto do pensamento: *super omnia haec misericordia eius*. Todos os atributos estão sobrepujados pelo amor misericordioso de Deus Pai.

Se fôssemos perguntar, de modo humano, mesmo que soe estranho: Quão ‘largo’ é esse amor, esse amor misericordioso? A Sagrada Escritura responde: todo o universo está cheio da misericórdia de Deus. Quanto tempo poderíamos e deveríamos, e devemos, meditar nisto, a fim de sermos capazes de assimilar tais expressões, mesmo que em medida limitada!

E se pensarmos no ‘comprimento’ da misericórdia de Deus – Nossa Senhora já cantou isso para nós: Sua misericórdia se estende de geração a geração. Em outro lugar lemos: Sua misericórdia é de eternidade a eternidade.

Se eu agora perguntasse: Qual é a fonte de que Maria extraiu a força para dominar a vida cotidiana, podemos dizer: é o amor por Nosso Senhor, em primeiro lugar pelo Salvador histórico. Como esse amor pelo Salvador histórico aparece no Evangelho de hoje? Na imagem do Bom Pastor!

Se quisermos aplicar essa imagem à Sua vida histórica, ao jeito com que Ele agiu quando passou pela terra, não teremos muita dificuldade. Escutamos: o Bom Pastor está sempre com suas ovelhas. Não estava Nosso Senhor continuamente com suas ovelhas naquele tempo, especialmente se consideramos que a ovelha representa Maria? Não estava ele sempre com Ela? O que o Bom Pastor faz? Ele alimenta seu rebanho, conduzindo-o a bons pastos.

Vamos retornar a Nosso Senhor, ao Seu exemplo, seu ensinamento, e além disso ele deu sua vida por suas ovelhas. Ele fez isso durante sua vida? Sem dúvida! [...] Jesus continua esse amor eterno, infinito e misericordioso na Sagrada Eucaristia. Esta é a fonte da força de Maria.

No último domingo, nós mencionamos que, depois da morte e ressurreição do Salvador, depois de Sua ascensão, subsistiu a imagem do Salvador Eucarístico. Será fácil para nós transferir a imagem do Bom Pastor a Jesus Eucarístico. Os mesmos três pensamentos vêm à tona. Ele está constantemente conosco. Na verdade, esta é uma grande lei no Reino de Deus: não deveríamos ter, em primeiro lugar, um Deus morto. Ele não está morto. Não deveríamos poder dizer: Antigamente, Ele esteve na terra. Ah, não! Nós devemos ter um Deus vivo!

*Emmanuel!* Deus está conosco, entre nós! Ele quer permanecer conosco. O Bom Pastor no tabernáculo nos convida e nós deveríamos ir a Ele. Ele quer estar sempre conosco. Ele nos levará a boas pastagens? Sabemos que Ele nos dá como alimento até mesmo seu próprio Corpo e Sangue. Em última análise, Ele deseja nos atrair à Sua grande e única atitude sacrificial em relação ao Eterno Pai.

Penso que devemos parar aqui. A questão que nos interessa de modo especial é esta: como Deus procedeu para que Nossa Senhora pudesse viver constantemente da Eucaristia? Não como se ela estivesse apenas interessada na Eucaristia, mas ela vivia da Eucaristia, do sacrifício Eucarístico, do Pão Eucarístico e, ao mesmo tempo, vivia constantemente na presença do Salvador Eucarístico. Surgem três grandes questões que não devem ser respondidas. Por um lado, o Ideal sempre deveria brilhar diante de nossos olhos: Desejamos ser seus reflexos.

Hoje, fiquemos satisfeitos com o único pensamento:

### **Maria viveu do Pão Eucarístico.**

A resposta concreta pode ser resumida assim: Ela viveu

1. Maria desejou plenamente este Pão,
2. Ela recebeu este Pão diariamente, e
3. Ela se preparou para recebe-lo.

### **1. Maria desejou plenamente este Pão**

É verdade, onde encontraremos escrito, que Ela sempre desejou o Pão? Podemos e devemos dizê-lo mais simplesmente: Ela desejou o Salvador Eucarístico presente em forma de pão. Isso não tem que aparecer na Sagrada Escritura. Naturalmente, nós limitamos a pergunta aos 20 anos depois da ascensão de Nosso Senhor, que se pensa ter sido o tempo que ela ainda viveu na terra. Nós o damos como certo, por quê? Na verdade, nós mesmos poderíamos dar muito bem a resposta. É o velho ditado, que frequentemente ouvimos e vivemos como simples filhos do povo. Onde está teu tesouro, lá também estará teu coração! Onde está teu tesouro... Qual era o tesouro para o coração de Maria? Qualquer criança sabe que a resposta é Nosso Senhor. Onde está teu tesouro, lá também estará teu coração.

Se desejamos colocar esta verdade em um grande quadro, devemos lembrar o que a Sagrada Escritura nos diz. Como Jesus deseja ser conhecido; o que Ele quer ser? *Emmanuel* – Deus conosco! Deus entre nós! Ele quer estar entre nós sempre. Como Maria experimentou isso depois de dizer seu *Fiat*? Nós lemos: *et Verbum caro factum est*. A Segunda Pessoa da Trindade desceu à terra e se tornou homem, e quem viveu mais intimamente com Ele que Nossa Senhora? Deus Todo-Poderoso viveu 30 ou 33

anos dessa maneira tão íntima unicamente com Maria. Ele era o seu tesouro! Onde está teu tesouro, lá também estará teu coração!

Uma vez que assimilamos tudo isso, não damos como certo que Nossa Senhora sempre teve uma saudade contínua de Jesus, agora na forma de Sua presença Eucarística?! Anelo cáldo, anelo profundo era o afeto fundamental de seu coração. [...] Jesus continua vivo. Nós não temos um Deus morto, aquele que está entre nós é o Deus vivo, acima de tudo na misteriosa forma do Pão, que podemos compreender na luz da fé. Assim, certamente Maria ansiava constantemente pelo Pão Eucarístico, pelo Salvador Eucarístico, depois da Ascensão.

E se fôssemos perguntar: quais foram os frutos desta comunhão ao longo de toda a vida entre Jesus e Maria? É claro que jamais experimentaremos o que ela vivenciou durante os 33 anos da vida de seu Filho. Mas, nós podemos saborear o que ela saboreou. O que ela experimentou depois da ascensão dele? A comunhão com a presença real do Salvador Eucarístico.

Que resultado isso teve? Ela já nos contou sobre seu grande anseio no Evangelho: Ele saciou de bens os famintos. Agora, se ela esperava deste modo pelo Salvador Eucarístico, quais bens ela recebeu e alcançou vivendo com e em Jesus?

Penso que devemos frisar dois pontos:

1. **uma atmosfera e uma atitude celestiais, sobrenaturais,**
2. **uma disposição sobrenatural.**

Isso soa muito simples, dito rapidamente. No entanto, se aplicássemos isso a nossas vidas... Eu já usei a imagem da águia em minhas homilias – uma imagem predileta. Eu não vou repeti-la, mas quero pintar outro ponto de vista, não precisamos nos ater à lenda, precisamos apenas considerar a vida prática. Quando chega o tempo e a pequena águia está madura e forte o suficiente para voar pelos ares, o pai águia a pega e joga para fora do ninho. Qual é o efeito? Primeiramente, o filhote águia treme! Contudo, depois de um segundo, ele sente que tem um suporte no ar, que a atmosfera o carrega. Nós sabemos o que essa imagem tem para nos dizer.

Se vivemos com Deus, com o Salvador Eucarístico neste sentido, então uma atmosfera sobrenatural nos carrega durante o dia. Quão importante é para nós, sentirmos que o mundo ao nosso redor não é realmente sobrenatural, nem mesmo natural, mas inteiramente oposto a nós; é uma atmosfera extremamente perigosa. Quem deve viver nessa atmosfera – e todos nós devemos – e quem não vive como a águia no “ar”, que nós chamamos de atmosfera divina, quem não é suportado pelo “ar” vai ser arrastado, vai sufocar na atmosfera puramente mundana.

Para onde a águia voa? Sempre para o sol. Mas, antes que ela alcance o sol, deve entrar na atmosfera. Qualquer um de nós quer alcançar o sol – e quem não quer? –, mesmo os superficiais filhos dos homens, que avidamente esticam suas mãos aos prazeres sensíveis, aos prazeres tangíveis, para tudo que é baixo e sexual, cuja única meta é o prazer, que querem desfrutar: eles fazem sacrifícios, mas apenas para serem capazes de aproveitar! Quem quiser alcançar o sol deve entrar na atmosfera divina que o rodeia, que envolveu a Serva de Nazaré em união com o Salvador.

**Anseio – o que o anseio nos dá? Realização!** Aí está uma segunda coisa que também damos por certa. Falamos sobre o Pão divino, que significa a Eucaristia. Quem comer este Pão divino viverá em paz divina. Podemos esperar que se experimentará mais e mais a perfeita posse da paz do Senhor. Se quisermos aplicar isso a Maria: a paz do coração, dos dois corações sagrados. O que significa esta paz do coração, esta alegria do coração, em contraste com a alegria que o mundo pode oferecer? Muitas vezes é como se nós, filhos do mundo, quiséssemos beber água açucarada de uma garrafa de arsênico. Nós engolimos a água doce e, sem saber, também engolimos o veneno.

Essas coisas são muito simples, apesar de serem muito radicais. Assim também é nosso ideal. E a resposta? E eu? Posso dizer que, em certa medida, o afeto fundamental de minha alma é o anseio pelo Salvador Eucarístico? Eu penso que devo repetir os mesmos pensamentos, mas na ordem oposta. Onde está teu tesouro, lá também está teu coração. Meu tesouro! Se não é Jesus, se não é Deus, o que é? É um ídolo. Se eu souber qual é o meu anseio, saberei qual é meu ídolo. (Se não tenho saudades de Deus), então, é natural que eu não tenha sucesso, que eu não consiga copiar a atitude de Nossa Senhora, eu não prossigo com a atitude fundamental daqueles que desejam compreender o modo de vida como cristão na terra.

Acredito que todos nós, sem exceção, devemos dizer um e outra vez: nós falhamos. Eu não sou, de modo algum, como Maria. Quão frequentemente não devemos dizer: “Todos os sinos de minha alma estão em silêncio?” Eles tocaram antigamente, eu tive o desejo de estar com Jesus no tabernáculo. Mas e agora? Como está minha alma hoje?

Lembro-me de ter lido sobre o historiador católico Johannes Jansen, que escreveu sua autobiografia. Nela, relata o que o ajudou durante sua vida – mesmo quando adulto, um cientista, um acadêmico reconhecido – e isso é uma certa consolação para nós pais e mães - foi a piedade infantil que ele herdou de sua mãe. Ele relata que frequentemente não teve uma vida religiosa especialmente terna. Ele, o homem maduro, vigoroso e erudito, era reconhecido em todo lugar. Ele reexperimentou que havia ido à Missa com sua mãe, ou em peregrinação, ou que cantaram certa canção popular, e isso entrou profundamente em seu emocional.

Contudo, havia especialmente uma canção que o atraía. Enquanto adulto, em alguns momentos ela até o levou às lágrimas. É uma canção simples, que todos nós cantamos muito frequentemente – é o simples hino que expressa um profundo anelo por Jesus Eucarístico, pelo Deus Eucarístico: “Senhor, eu não sou digno de que venhas a mim. Eu não sou digno deste alimento. Mas faça-nos dignos!” Isso ecoa de novo em seu anseio secreto.

Nós também não experimentamos o mesmo? Não houve um tempo em que tínhamos esse desejo e cantamos com grande entusiasmo: “Faça-nos dignos de provar este alimento e realiza meu desejo”? Como este anseio pode ser aliviado? Se ao menos tentássemos rezar para desejarmos isso! Desejar o desejo de Jesus! Apenas isso já seria uma grande graça para nós, homens modernos, que vamos pela vida com cabeças encurvadas, como se tivéssemos estragado nossas asas sobrenaturais, como se conhecêssemos apenas o que é terreno, como se externamente fizéssemos o que nossa religião prescreveu, a fim de ter cumprido uma obrigação, sem que o interior seja tocado.

Penso, por exemplo, em Santo Agostinho. Por quanto tempo ele não foi em frente na vida! Por quanto tempo ele viveu uma vida superficial, até pior que a maioria de nós, até que a graça o tocou? Ele expressou isso de maneira muito bela em suas confissões. Uma vez que a graça o tocou, ele começou a admirar Deus, o Deus infinito. Ele acrescenta: “agora uma parte de Tua criação vai começar a te louvar e glorificar, por meio da minha própria vida”. Quão profundamente ele entendeu que ele mesmo é uma parte criação de Deus e que sua vida deve reunir tudo o que o amor Eterno realizou nele. Então, naturalmente, ele se inclina, em profunda humildade: “Oh, quão tarde te encontrei!”. Ele está arrependido porque, até então, desprezou o Deus vivo e se afundou em todo que é mundano... Então, a grande, a séria queixa - Oh, Deus, quão frequentemente tu estavas em mim – e tantas vezes não devemos dizer isso quando recebemos a Sagrada Comunhão –, quão frequentemente estavas aqui e eu não estava em mim! Sentimos uma dor profunda em nossos corações quando compreendemos sempre mais profundamente essas relações?

Outro escritor, Ludwig von Pastor, em sua volumosa história da Groenlândia, relata um caso encantador. No século XI, a Groenlândia foi catequizada e, alguns séculos depois, no século XVI, os povos vizinhos invadiram a Groenlândia para destruir o Cristianismo lá. Os groenlandeses deveriam voltar ao paganismo. Alguns foram assassinados, outros jogados na prisão, outros levados para o exílio. Acontece que, os que estavam no exílio, tinham uma profunda saudade de sua terra e muitos

fugiram. A tragédia, contudo, foi que nesse ínterim muitos padres foram mortos. Só aqui e ali, em uma vila simples, o Santíssimo Sacramento estava preservado. Mas, quão poucos poderiam encontrar o caminho para lá! O que eles fizeram? Eles estavam completamente afastados do mundo e, por 80 anos, nenhum navio estrangeiro chegou ao país. Eles se mantiveram fiéis, em grande medida, porque os corporais usados na última Santa Missa, celebrada em um distrito, foram tratados como um santuário e, muitas vezes, o povo foi em peregrinação até onde estavam esses corporais.

Se fôssemos groenlandeses! Para nós, é tão fácil visitar Jesus, seria tão fácil receber a Sagrada Comunhão, se ao menos não estivéssemos escravizados às coisas mundanas. Como seria fácil para nós, se ao menos quiséssemos aceitar as graças que nos são oferecidas.

Esses são apenas alguns pensamentos. Eu mencionei apenas um atributo de Maria – sua saudade por Jesus Eucarístico. Os outros dois pontos: como ela recebia este Pão, com quanta frequência e com qual atitude – talvez eu possa dizer algumas palavras sobre eles em outra oportunidade.

Acho que, agora, devemos nos ajoelhar, ao menos em espírito, e pedir a Maria:

Que sejamos, oh, Rainha, dá-nos ser como tu, sempre mais um claro reflexo teu. “Como tu, passemos pela vida: fortes e dignos, simples e bondosos, espalhando amor, paz e alegria. Em nós percorre o nosso tempo, prepara-o para Cristo.”